

Miguel Sanches Neto. *O último endereço de Eça de Queiroz*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. 181 p.

O Último Endereço de Eça de Queiroz, novo título do paranaense Miguel Sanches Neto, conduz o leitor a uma viagem envolta em peripécias, invenções ou mentiras e literatura. Esses elementos envolvem o percurso do narrador e personagem da trama de Sanches Neto e parecem refletir um bovarismo brasileiro e contemporâneo. O protagonista, nesse sentido, busca viver e respirar os ares do panteão da literatura lusa, imiscuindo-se às experiências de autores e obras com que se depara ao longo da trama.

O enredo de *O Último Endereço de Eça de Queiroz* é apresentado por uma voz em primeira pessoa, ou seja, por um narrador autodiegético. O tempo da narrativa compõe-se por meio do pretérito imperfeito do indicativo, refletindo acontecimentos que se desenrolam com o andamento da história, mas que, além disso, dão a ver um passado recente que não se encerra no episódio. Esse tempo que não finda pode ser visto como o tempo da leitura: leitura que o narrador faz de sua própria experiência, e leitura da entidade extraliterária que atualiza os episódios narrados no ato de passar os olhos pela escrita. Esse tempo verbal se reflete ainda no espaço do andarilho que toma a palavra para descrever o percurso pessoal de trânsito pelo país em que aporta. O homem em movimento: movimento geográfico e movimento subjetivo da transformação por que passa. Tal como Jacinto, de *A Cidade e as Serras*, a personagem de *O Último Endereço de Eça de Queiroz* vai desvendando – retirando os véus de sua mirada – e se despidendo da pretensão de civilização a que almejava imiscuir-se ao pousar no país europeu (o país colonizador de outrora).

O enredo trata desse indivíduo que segue rumo a Portugal após furtar as economias de uma garota de programa com quem se relacionava. Todavia, a trama é permeada pelas histórias inventadas pelo protagonista a cada interação com pessoas que encontra em suas andanças. A narrativa, portanto, é atravessada por perspectivas

distintas. De um lado, tem-se o que parece ser a realidade concreta da personagem, ou seja, a intriga exhibe as peripécias de um empregado de livraria que, ao roubar dinheiro da prostituta com quem tinha relações, deixa o Brasil para viver definitivamente em Portugal sem um plano propriamente dito. De outro lado, há os desejos encenados, desejos a que ele dá contornos de verdade – e o narrador, por sua vez, não refuta as invenções contadas por ele anteriormente, no instante do enunciado.

A imaginação desse sujeito (que não é nomeado em um primeiro momento, depois se autodeclara Rodrigo S.M. – “eu vinha me vendo como um nome literário. Rodrigo S.M., personagem masculino, e por isso irônico, que Clarice Lispector criou para fingir que não era ela, uma mulher, quem narrava *A Hora da Estrela*” (p. 150) – e que, ao final, confessa chamar-se Darlan dos Santos Matos -- cria uma ficção sobre si mesmo. Nela, a personagem ganha uma bolsa para escrever um romance – procedência do dinheiro que viabilizaria a viagem – e atravessa o oceano a fim de ter experiências para inspirar sua obra futura. Imaginação e realidade misturam-se, tornando a tarefa do leitor um empreendimento árduo, ao discernir um eixo do outro,.

O romance principia com a “fuga” da personagem central: fuga essa que diz respeito ao país que quer abandonar e, simultaneamente, dispersão de uma realidade subserviente, assalariada e subalterna. Nesse contexto, a personagem flana pelas cidades abrangidas nos romances que lê, tomando-os como referência para as vivências que beiram o bovarismo.

A jornada do protagonista principia (já no assento do avião) com *A Cidade e as Serras*, de Eça de Queiroz debaixo do braço. O protagonista embrenha-se nas tramas de Jacinto:

Eu já estava em minha quinta. Logo iria fazer a vindima, como forma de reatar laços. Num lugar de granito retirado das montanhas portuguesas, pisaria a uva, afundando os pés naquela massa como se estivesse percorrendo solos ainda em formação. Alguém falou “que bonito!”. Meu sonho, revelei, era beber meu próprio vinho.

—Como em *A cidade e as serras*, quando Jacinto descobre o valor do vinho de Tormes – eu digo.

—E o senhor quer essa vida?

—É meu projeto. (p. 16).

A Cidade e as Serras cruza a narrativa de *O Último Endereço de Eça de Queiroz* como moldura que configura a transformação do protagonista. O jovem, inicialmente, mergulha em suas fantasias como conformação e acomodação frente às diferenças sociais a que estava restrito, mas, ao final, deixa de lado o intuito de participar de uma elite nacional brasileira, transformando o plano de “inventar-se” escritor – ocupação que parecia significar para ele fama e alguma distinção social – em ação de reconhecer-se leitor, de entender a vida simples dos destituídos da história. A trajetória possibilita ainda, ao final do romance, a aproximação à vida do autor de sua eleição e ao contexto da obra derradeira do autor português – obra essa que também faria convergir realidade e ficção através dos acasos do destino, ou seja, do traslado dos restos mortais de Eça para o cemitério próximo à propriedade de Tormes, herança de sua esposa: “[a]o ser reenterrado aqui, Eça se fez Jacinto. O regresso do Príncipe da Grã-Ventura se completou. Jacinto voltou a Portugal, ficcionalmente, para que os ossos de Eça fossem depositados nesse cemitério de aldeia” (p. 135).

Eça de Queiroz é o fio condutor da personagem, de suas viagens e narrativas. O “tudo o mais”, o “caminho” até a última morada desse, que é considerado um dos mais importantes escritores portugueses, entretanto, é atravessado por outro guia: Isabel de Nóbrega ou Maria Isabel Guerra Bastos Gonçalves. Isabel foi uma jornalista, tradutora e escritora que recebeu o Prêmio Camilo Castelo Branco em 1965, além de ter sido a primeira esposa de José Saramago, antes de o autor de *O Ano da Morte de Ricardo Reis* tornar-se Nobel de Literatura.

Ao aterrizar em Portugal, o protagonista, Rodrigo S.M. – como ele se apresenta nesse instante da narrativa –, hospeda-se no apartamento que fora de Saramago e Isabel nos anos 1970. E em uma fusão entre ficção e realidade, Rodrigo envolve-se com a jovem com quem dividira a hospedagem, Meritx, e sua história desvia-se do curso: Eça fica de lado e, em seu lugar, assoma um estro de olhos verdes, Isabel. Do envolvimento, que se interrompe ao final da hospedagem, Rodrigo passa a buscar sua Txel – a sua versão de Isabel – em outras paragens.

Essa Beatriz de caminhos literários – que estaria em Lisboa para compor um “guia dos lugares literários de Portugal” – o leva a compor o livro pretendido, mas um livro móvel tal qual o artista de Hong Kong o faz com o *Livro do Desassossego* – visto no romance como “Edição Móvel, Livraria-Instalação” (p. 43). Para mais, Txel instiga-

o a encontrar “a que foi deixada a envelhecer sozinha” (p. 57). Nessa busca, Rodrigo chega a Cascais e adentra o romance de João Gaspar Simões, segundo marido de Isabel – antes de Saramago. De escritor, Rodrigo converte-se em biógrafo de sua musa: “Uma mulher pode estar em todas as mulheres?” (p. 64).

Cabe salientar que o percurso de Rodrigo S.M. é circundado por seus desejos e prazeres tanto sensoriais, quanto gustativos. A comida e, sobretudo, os vinhos são referências constantes nas andanças do narrador. O sexo, de seu lado, é um dos elementos capitais da trama. Os arroubos carnavais seguem a personagem do Brasil até a trilha do túmulo de Eça, quando seus instintos parecem arrefecer. Em Cascais, ao buscar aquela que “foi deixada a envelhecer sozinha”, é invadido por fantasias em torno da anfitriã idosa – a imagem de Isabel já envelhecida – e, depois, envolve-se com uma garota que encontra no precipício “Boca do Inferno”, cenário do suicídio forjado pelo ocultista britânico Aleister Crowley (que fora a Portugal encontrar-se com Fernando Pessoa). Essa garota recriaria a “mulher escarlata” por quem Crowley apaixonara-se, mas representaria também Tininha, a Isabel descrita no romance *As Mãos e as Luvas*, de João Gaspar Simões.

O narrador, atravessando o tempo e o espaço narrativo, estabelece um diálogo com Tininha por meio de carta. Esse narrador/leitor utiliza tal inserção a fim de criticar a misoginia presente no fulcro do tempo e nas tramas de Simões. A missiva, contudo, não disfarça as contradições ideológicas em relação às ações de Rodrigo S.M. e o seu juízo sobre *As Mãos e as Luvas*:

Querida Albertina,
Li sua história em As mãos e as luvas, narrada por esse machista que cheguei a
admirar, o frustrado João Gaspar Simões.
Até quando as mulheres serão apresentadas dessa forma desonesta por homens? (p. 78).

Todavia, Isabel solicitava que ele continuasse sua jornada; assim como os livros o convocavam, mais que isso, tomavam conta de si: “queria permanecer no estado de plenitude em que ficamos depois de fechar um livro que ainda nos convoca” (p. 85). Rodrigo volta a Lisboa. A personagem, nesse momento, passa por transformações, deixando de lado as miragens de civilização, responsáveis pelos papéis encenados e pelas ilusões identitárias. A liberdade das amarras civilizatórias e aprisionadoras (em

função da exigência velada por condições financeiras que favorecessem o ingresso em tal universo – o que é marcado pelo dinheiro que o protagonista carrega e que, à medida que diminui, afasta-o das utopias cosmopolitas eurocêtricas) se consuma no andarilho a que está prestes a se tornar:

Uma população que não se fixava em nenhum lugar e que questionava, com a simples existência, os proprietários os empregados respeitadores de normas da empresa. Eu era quase um deles agora (...). Não precisava andar a pé entre as cidades, não dormia em bancos, mas tinha o mesmo desprendimento, como essas plantas do deserto, arrancadas da areia pelo vento, que vagam quilômetros e param em lugares inóspitos e se enraízam de novo, até a próxima ventania (p. 91).

Em Lisboa, Rodrigo vivencia uma experiência de “idolatria”, a qual celebrava e clamava pelo retrocesso a um passado bárbaro, sombrio (que esteve em vigor dos anos 1933 até 1945) da Europa. O desejo pelo retorno de uma extrema-direita reprimida, protagonizado pela celebração do aniversário de Hitler, de que Rodrigo toma parte, desdobraria, subterraneamente, seus tentáculos mundo afora. A personagem, vulnerável à ressonância dos espaços (literários ou não), adere momentaneamente à seita ariana a que seu estereótipo viabiliza entrada e aproxima do grupo: cabeças raspadas, barbas ruivas ou loiras, pele alva e olhos vermelhos em expressões ferozes. Se o elo civilizacional até então fora o vinho (como ocorre em *A Cidade e as Serras*), o motor dessa turba é a vodca, o “fogo salvador”, que exorta à barbárie. Esse episódio de comunhão ao um “nós” totalitário e enlouquecido – “eu era todos ali” (p. 96) –, mais uma vez, dissolve-se nas fronteiras que separam ficção e retrato do real.

A noite de insanidade rendeu-lhe a perda de um dos últimos elos de ancoragem: os poucos pertences e a mochila são-lhe roubados. Restava ainda o dinheiro, que também não duraria. Sente-se, com isso, um despatriado: “Deixara não o meu país, mas a contemporaneidade. O verbo *deixar* é fraco. Eu fora expulso da contemporaneidade, enxotado do agora” (p. 98). Sem amarras, parte para Braga e, novamente, mergulha em ficção. Era a vez de encarnar os passos de Luiz Pacheco e sua libertinagem – guiado por Txel, que comentara sobre a obra. Vivencia os passos desse sujeito à margem de seu tempo: “A leitura de textos malditos nos expõe a experiências que jamais teríamos em outras circunstâncias. Eu não queria me afastar muito da obra. Das palavras aos seres” (p. 119).

A imersão na leitura e na ficção – como as histórias inventadas para dar mais significado a uma vida sem atrativos – perpassa as páginas do romance de Sanches Neto. A perspectiva de recriar a realidade que parecia hostil e sem sentido, amplia-se por tratar-se de uma visada em primeira pessoa, envolta nas fantasias pessoais desse indivíduo que também se recria como subjetividade literária. Outrossim, o narrador, ou Rodrigo S.M. – ou mesmo Darlan Santos Matos, o indivíduo comum e provinciano do interior da periferia do capitalismo – é também um leitor (ou ainda a representação de leitor), um leitor que se intromete e interfere na matéria em que se detém. Ele cria e é criado por esses espectros narrativos. Como literatura, Rodrigo aproxima e é aproximado de outros lugares, de outras ópticas e expectativas, esperanças e dilemas; ou seja, de vidas que seriam impenetráveis às particularidades subjetivas sem o intermédio do horizonte ficcional.

Diante do exposto, o narrador e personagem de *O Último Endereço de Eça de Queiroz* pode ser pensado como expoente do bovarismo, mas um bovarismo visto de dentro, tomado em suas entranhas. Maria Rita Kehl destaca que o “bovarismo” fora uma resposta ao romance de Gustave Flaubert, *Madame Bovary*. Esse termo, inspirado pela protagonista do clássico flaubertiano, fora cunhado pelo psiquiatra francês Jules de Gaultier em 1902 e caracterizaria “todas as formas de ilusão do eu e insatisfação, desde a fantasia de ser um outro até a crença no livre arbítrio” (apud KEHL, 2007, p. 224).

A psicanalista paulista faz uma análise do bovarismo sob a perspectiva brasileira, utilizando em seu exame a personagem de Machado de Assis, Rubião, como exemplo nacional desse conceito. Kehl enfatiza que o bovarismo à brasileira, ou seja, realizado a partir de países periféricos, obscureceria a busca por um destino próprio, emancipatório, que refletisse às contradições referentes à posição do país no cenário mundial, como sua dependência em relação aos mais ricos. Nesse sentido, o bovarismo preponderante em solo tupiniquim consistiria “em tomar[-se] sempre por não-brasileiros” (KEHL, 2007, p. 225). Esse tomar-se por não brasileiro é visto desde as primeiras páginas do romance de Miguel Sanches Neto.

As histórias inventadas pelo protagonista de *O Último Endereço* se adequam aos sujeitos com quem ele se depara. Nesse sentido, a fantasia bovarista desse Rodrigo S.M. refletiria a sociedade brasileira contemporânea dos avantajados sociais que

desviam o olhar das mazelas, não enxergando qualquer dívida histórica para com o cenário nacional de desigualdade e exclusão. Essa “elite” que se pretende parte da civilização europeia, e que busca distanciar-se de qualquer traço de ligação com a dependência e os estigmas coloniais entranhados desde os primórdios da formação nacional, é a mesma a que o jovem paranaense sem diploma universitário tem de falsear uma vida para aceder, mesmo que momentaneamente.

Dentro desse contexto, esse Rubião clariceano administra em seu percurso a cisão de sua individualidade, repercutindo ao longo dos seus passos o que Kehl argumenta como sendo um dos artifícios utilizados pelo sujeito impotente para triunfar na adversidade: “a licença cínica”: “Freud valorizou o humor como triunfo simbólico sobre as situações de opressão, onde ao sujeito impotente diante do mais forte só resta a onipotência da imaginação” (KEHL, 2007, p. 235).

A autora destaca ainda que o riso irônico terá significados diferentes, dependendo de quem o profere: daquele que leva chibatadas ou daquele que segura o chicote. Assim, o sentido de humor dependeria do lado em que se encontra o sarcasmo: se do lado dos vergastados, efetuar-se-ia um “triunfo narcísico sobre as adversidades”; se do lado do cabo do chicote, se perpetuaria a zombaria satisfeita dos donos do poder e da violência. Nessa versão contemporânea do bovarismo, por sua vez, ocorreria a identificação com o opressor, gerando, com isso, uma “denegação perversa” da realidade que se quer contínua, ininterrupta e “criminosamente desigual” (KEHL, 2007, p. 235).

A concepção apontada por Maria Rita Kehl pode ser vista nos primeiros momentos do romance. Ao final de *O Último Endereço*, todavia, o quadro se inverte, o riso é atenuado e o ângulo da imaginação ganha traços de soberania, fazendo com que esse “eu” encare seus fracassos de modo benigno. Como Jacinto, o narrador de Sanches Neto liberta o homem simples e singular, livrando-o dos recalques e, desse modo, podendo unir-se ao espírito do escritor cosmopolita de Póvoa do Varzim, fundindo-se ao homem e à casa que o abriga e, assim, fazendo obra da obra. *O Último Endereço de Eça de Queiroz* calca-se em pedras antigas e tijolos novos, construindo comunhão entre distâncias, entre tempos, espaços e realidades.

REFERÊNCIAS

KEHL, M. R. BOVARISMO E MODERNIDADE. *Literatura e Sociedade*, [S. l.], v. 12, n. 10, p. 224-236, 2007. DOI: 10.11606/issn.2237-1184.v0i10p224-236. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/l/article/view/23628>. Acesso em: 29 nov. 2022.

Christini Roman de Lima

Doutora em Letras/Literatura Brasileira e Portuguesa